

USOS SOCIAIS DAS FOTOGRAFIAS EM ESPAÇOS ESCOLARES DESTINADOS À PRIMEIRA INFANCIA

MARCIA GOBBI*

RESUMO: Este artigo aborda os usos das fotografias em ambientes escolares dedicados à primeira infância do município de São Paulo, enfocando o período de 1990 a 2002. Para tanto, procura-se problematizar as práticas fotográficas, muitas vezes recorrentes nesses espaços, utilizando a sociologia da imagem e os estudos historiográficos como suporte teórico que permite compreendê-las como fonte documental, oferecendo-se, ao mesmo tempo, como objeto de pesquisa e sujeito que educa olhares, conduz valores e normas sociais e ensina a respeito de práticas e saberes docentes sobre meninos e meninas da primeira infância.

Palavras-chave: Sociologia da imagem. Fotografias. Primeira infância.

SOCIAL USES OF PHOTOGRAPHS IN SCHOOL ENVIRONMENTS INTENDED FOR YOUNG CHILDREN

ABSTRACT: This paper discusses the uses of photographs in school environments intended for young children in São Paulo, focusing on the period between 1990 and 2002. Using the sociology of image and historiographical studies as a theoretical support, it explores the photographic practices, which are quite common in such spaces. These are thus perceived as documentary sources that constitute at the same time a research object and a subject that educates looks, transmits values and social norms in addition to revealing much on the teaching practices and knowledge related to young children.

Key words: Sociology of image. Photos. Childhood.

USAGES SOCIAUX DES PHOTOGRAPHIES DANS DES ESPACES SCOLAIRES DESTINÉS À LA PREMIÈRE ENFANCE

RÉSUMÉ: Cet article aborde l'usage de photographies dans les milieux scolaires destinés à la première enfance dans la ville de São Paulo, entre 1990 et 2002. Il analyse les pratiques photographiques, très communes dans ces espaces, en prenant la sociologie de l'image et les études historiographiques comme support théorique. Cela permet de les comprendre comme des sources documentaires et d'en faire, à la fois, un objet de recherche et un sujet

* Doutora em Educação e Cultura e professora do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mgobbi@usp.br

qui éduque les regards, transmet des valeurs et des normes sociales tout en nous éclairant quant aux pratiques et savoirs enseignants sur les jeunes enfants.

Mots-clés: Sociologie de l'image. Photographies. Première enfance.

Abrindo a gaveta de guardados: as fotos

Entre fotos e documentos, estavam elas, fotografias amarelcidas em pequeno álbum, na gaveta de guardados. Memórias que se somam às demais lembranças de vários acontecimentos, eventos com familiares e paisagens de viagens que se misturam a tantos assuntos, colocados em imagens-narrativas que o tempo ora faz esquecer, ora expõe em minúcias. Tais fotografias exercem a função de registros e testemunhos de um passado experienciado.

Há tempos cultivo o hábito de guardar fotografias de unidades escolares públicas do município de São Paulo, destinadas ao atendimento da primeira infância. Esse texto, de caráter ensaístico, que se insere na perspectiva da sociologia da imagem, tem como escopo discutir imagens fotográficas que passaram a compor uma pequena coleção de fotografias doadas por fotógrafos cuja profissão é exercida majoritariamente em escolas públicas. O álbum que serviu como ponto de partida para os estudos que compõem o texto contém fotografias de unidades educacionais paulistanas das regiões da Lapa, Pirituba e Jaraguá. Trata-se de uma coleção constituída ao longo de anos de docência exercida com meninos e meninas na faixa etária entre 4 e 6 anos.

Encontro-me em todas as imagens entre as crianças com as quais atuava profissionalmente como professora de educação infantil. Ao mesmo tempo em que me deixo levar pelas lembranças suscitadas pelas imagens, algo instiga a estudá-las de maneira a encontrar outras referências para ler essas imagens tão próximas. Ocupo um lugar metodologicamente desafiador: componho as fotos colecionadas ao longo de anos, criando um álbum agora aberto, não só com o propósito de lembrar, mas de realizar estudo sobre o mesmo. Tenho a difícil tarefa de encontrar o distanciamento necessário para a pesquisa sem me deixar enlevar pelas imagens, problematizando o que há de visível e invisível nelas.

O olho, sobretudo diante de fotografias, frequentemente se detém a procurar imagens-memórias de outros tempos e, com isso, instiga a também pensar o agora ao observar aspectos relacionados a transformações históricas que ficam evidenciados nas imagens fotográficas. As fotografias presentificam pessoas ausentes ou fatos do passado, permitindo reviver e construir memórias, ao mesmo tempo em que as selecionam. Quanto a fotos que apresentam imagens da docência, é interessante observar que um dos propósitos de guardá-las, talvez, seja a manutenção do vigor do

exercício da profissão, conservando e construindo imaginários da educação em seus diversos aspectos. É interessante observar que colecionar fotos e, ainda mais, exibi-las em diferentes contextos é algo recorrente entre várias profissionais da educação, sobretudo da primeira infância, como tenho constatado em algumas pesquisas.¹ Os momentos, quando materializados em fotos diversas, contêm e colocam em suspensão situações memoráveis passadas com as crianças nos espaços educacionais. Sua presença coloca os ausentes novamente juntos naqueles locais experimentados por todos, fotografados e fotógrafo. Guardar as fotografias de meninas e meninos que hoje são jovens é, de certo modo, garantir a renovação do que aconteceu em outros tempos, não somente nas práticas pedagógicas, como também nas relações estabelecidas com as crianças. Dessa maneira, confere-se novos sentidos à realidade e, ainda mais, evoca-se os sons das crianças, provocando os demais sentidos a renovarem-se e voltarem às cenas passadas, revivendo-as.

Avalio como fundamental fazer uma breve descrição das fotografias do álbum, considerando isso uma pequena porta de entrada para essas fotos, ainda que saibamos que tais descrições são absolutamente pautadas nos olhos de quem as vê e nos diferentes contextos vividos por quem olha as fotografias. Ainda assim, é importante termos algumas primeiras referências sobre as imagens fotográficas referidas neste artigo.

As fotografias que compõem o referido álbum são em cores, em tamanho 19 cm x 14 cm, datadas dos anos de 1990 a 2002. Em sua totalidade, pode-se ver nas imagens meninos e meninas com idade entre 5 e 6 anos, dispostos em dois grandes grupos: alguns posicionados em pé e os demais sentados no chão, fazendo lembrar as poses frontais dos jogadores de futebol antes da partida, 25 a 30 crianças, em média. Em várias delas chama-nos a atenção alguns meninos que fazem poses com braços em riste, tal qual heróis japoneses de desenhos animados da televisão; numa delas – que será reproduzida mais adiante – uma garota ensaia um “chifrinho” na cabeça do menino que se encontra posicionado logo abaixo dela, além de outros e outras que apenas sorriem. No segundo plano, quase sempre, as árvores evidenciam o tamanho da área externa – onde, curiosamente, todas as fotos foram tiradas. Em muitas dessas escolas, as áreas verdes ainda são preservadas, sendo muito utilizadas como cenários para as fotos.

Em várias fotos vê-se, numa primeira olhadela, a professora em pé e abraçada às crianças mais altas que se apoiam naquelas que estão agachadas, todas num sorriso quase único, olhos fixos no fotógrafo, à espera-expectativa de que o disparador da máquina fosse acionado, possibilitando a volta às brincadeiras e demais afazeres cotidianos dos meninos e meninas desse lugar. O fotógrafo profissional, como tal, procurava atingir certos enquadramentos, evidenciar o coletivo das crianças num conjunto, segundo ele, harmonioso, o que demonstra uma preocupação artística e

estética. Tais imagens tinham uma função determinada: serem vendidas a quem se interessasse em obtê-las, o que geralmente se dava entre as famílias das crianças fotografadas. Boa parte do resultado das vendas ficava para a escola contratante. Destaco que as fotos de todo o conjunto apresentam elementos semelhantes quanto à composição, enquadramento, propósito da instituição e do fotógrafo, poses das crianças e professora, e foram selecionadas pelo fotógrafo para serem vendidas aos pais ou a quem quisesse comprá-las. As fotografias doadas para as professoras eram exatamente as mesmas que seriam vendidas, não sendo, portanto, fruto de descarte do fotógrafo.

Nos contextos escolares, nas salas de professoras, principalmente, as fotografias são tomadas como impulsionadoras de conversas sobre as relações estabelecidas no tão dinâmico e complexo cotidiano da educação de crianças pequenas. Imagens que penetram em várias dimensões e que, ao serem perscrutadas, também constituem modos de ser, de ver e rever a realidade. Ao mesmo tempo em que dizem o que elas são, apontam para aquilo que somos. Pode-se inferir que as fotografias, entre todas as expressões visuais, encontram-se entre as mais populares e difundidas entre nós. Contudo, a constante presença das fotografias no cotidiano chega a impedir a desnaturalização da prática de tirar fotografias e de vê-las mais detidamente de forma a observar este objeto cultural e social de modo mais rigoroso.

Elas estão entre os artefatos culturais que mais propiciam a prática do colecionismo. Isso se deve, entre outros fatores, aos tipos de suportes que as contêm e que podem favorecer a acessibilidade do conjunto, sobretudo quando são digitalizadas, podendo compor mídias como o CD-ROM. Vale ressaltar que não só professoras guardam e colecionam tais fotos, como as próprias escolas, que vão constituindo acervos próprios. Com a possibilidade de custo relativamente mais baixo e de uso das máquinas fotográficas digitais, esse “coleccionismo” tende a se intensificar.²

Fotografias tiradas em ambientes escolares podem ensejar variadas questões. Ao manusear aquelas mencionadas no primeiro parágrafo deste artigo, pergunto: quais os usos sociais dados às fotografias no interior das escolas da primeira infância? Como os segmentos que compõem a unidade escolar lidam com esse objeto social e cultural, imagens-narrativas representantes de tantas infâncias e de tantas docências? Elas documentam aspectos das relações sociais estabelecidas na escola – em qualquer nível – e como tal são problematizadas? Ou, nesse contexto, servem apenas para venda e obtenção de verbas não supridas pelo poder público na gestão das unidades escolares?

Reforça-se aqui a importância de considerar as fotografias também como textos imagéticos que informam sobre as relações estabelecidas entre os meninos e meninas nos diferentes espaços, com outras crianças e com os adultos. Embora elas

nos eduquem, tal como nos ensina Kossoy (2000, 2007), ainda é perceptível certa dificuldade na aceitação e aplicação das fotografias como campo de investigação na educação; estas, muitas vezes, ainda são consideradas meras fontes ilustrativas de textos, não se estabelecendo qualquer diálogo entre ambos: imagético e escrito. Nem sempre as imagens podem substituir os textos escritos – uma imagem vale mais que mil palavras? Porém, podem aliar-se a eles, não se comportando apenas como mero apêndice a contribuir com a escrita, linguagem reconhecida por muitos como mais importante, o que vem sendo refutado em diferentes campos de pesquisa (Martins, 2008; Novaes, 2009), inclusive o educacional.

As fotografias que compõem o álbum citado resultam de um objetivo pessoal: manter, num acervo particular, as fotografias – hoje oxidadas pelo tempo – que me eram doadas anualmente e, com isso, assegurar a preservação da memória da profissão docente e logicamente das crianças com as quais passava no mínimo um ano letivo. Talvez, o intuito se relacionasse também ao temor de esquecer determinados aspectos da profissão, no estar junto com as crianças, retornar às imagens e olhá-las, criando e recriando experiências. O ato de guardá-las seguia critérios elementares, tais como colocá-las em álbum simples dentro de uma gaveta, classificando-as segundo o ano em que foram tiradas. Mais do que a busca pelo prazer estético provocado pelas imagens, ao colecionar fotografias também guardava aspectos desse universo infantil onde vivi tantos anos, exercendo e construindo a docência. Elas se constituem como marcas históricas dessa profissão que se faz a cada dia: professora de meninos e meninas pequenos.

Os álbuns, de modo geral, se configuram como seleções de determinadas imagens arbitradas pelo colecionador. Contudo, nesse caso, a escolha não existia, pois era fruto de doações dos fotógrafos e restava apenas guardar, arrumar, para rememorar posteriormente aquilo que era ofertado. Ao guardar de modo mais sistematizado, pretendia dar continuidade, ou maior sentido, às fotografias que, quando isoladas, pouco evidenciavam sobre o percurso de trabalho, relação com a turma e entre as próprias crianças, os espaços físicos, as demais profissionais. Quanto à produção, esta prática obedecia a regras instituídas pelas próprias escolas e fotógrafos no que tange aos equipamentos e locais utilizados como cenários, preparação do ambiente e das crianças, horários estipulados para a sessão fotográfica. A finalidade das fotografias no interior das escolas era a comercialização das mesmas com o ganho de uma porcentagem das vendas, previamente combinada entre o fotógrafo e os dirigentes da escola.

As práticas fotográficas nas escolas, cada vez mais frequentes, merecem análises para além das próprias imagens, referem-se a relações entre as pessoas que estão presentificadas nas imagens e aquelas que estão no entorno das mesmas. A frequência intensificada com o barateamento das câmeras fotográficas, sobretudo

as digitais, e a possibilidade de tirar fotos com aparelhos celulares tornam a figura do fotógrafo profissional nas escolas quase ausente, o que não acontecia até poucos anos atrás. Ao guardar as fotos, se evidenciaria a constituição de uma lógica particular que é fruto da dispersão das fotografias em outros ambientes que não somente os escolares. Estas passam a ganhar, portanto, outra dimensão que também compõe a análise desses objetos culturais, sociais, históricos. Ao abrir o álbum de fotografias, diferentes aspectos de suas histórias, dos usos sociais e os sentidos das mesmas passaram a aflorar. Há muito que discutir e descobrir a partir delas, considerando, como afirma Freund (1993), que desde seu nascimento a fotografia participa permanentemente da vida cotidiana das pessoas, incorporada à vida social de todas as camadas sociais de formas cada vez mais diversificadas.

Para compor esse texto, creio ser importante situar esse objeto material no contexto mais atual de pesquisas para, posteriormente, relacioná-lo ao campo educacional e voltar-nos para as fotos que compõem o álbum propriamente dito. Não se procura, com essa breve apresentação, esgotar qualquer discussão sobre essa temática, ao contrário, pretende-se estimular o debate sobre esse instigante artefato cultural como objeto de estudo, que pode articular-se com diferentes áreas do conhecimento.

Nas Ciências Sociais: fotografias e pesquisas

As fotografias se constituem como artefato bastante utilizado nos diferentes campos de pesquisa, ora auxiliando, ora fazendo ver aquilo que os pesquisadores não conseguiam registrar no cotidiano da pesquisa. Também cultivam nossos olhares e conhecimentos sobre a importância das imagens, seu uso e, evidentemente, os conteúdos presentes e ausentes nas fotos. Na constituição das Ciências Sociais, o percurso da relação entre estas e as imagens fotográficas ocorre, num primeiro momento, como recurso metodológico de pesquisa, ou mesmo como fonte documental a ser consultada e da qual pode se partir para o desenvolvimento de muitas pesquisas.

Pode-se afirmar que as imagens vêm acompanhando as pesquisas em Ciências Sociais desde seu surgimento. Em meados do século XIX, a fotografia aliou-se à antropologia na tarefa de inventariar culturas e modos de vida estranhos ao homem dito “civilizado”. Desde então, as imagens produzidas por este meio mecânico de representação bidimensional do mundo passaram a fazer parte da bagagem dos cientistas sociais, servindo como provas ilustrativas do que era suposto como realidade e verdade contidas nos textos sobre as sociedades analisadas.

A função de ilustrar textos acadêmicos foi, para a maioria dos pesquisadores, o uso mais comum da fotografia no campo das Ciências Sociais, prática hoje bastante refutada. Foi nas primeiras décadas do século XX que a fotografia começou a

adquirir maior importância entre certos pesquisadores, sendo referências em alguns trabalhos escritos, graças à perseverança do antropólogo Bronislaw Malinowsky em utilizar pesados equipamentos e acessórios na sua pesquisa de campo nas ilhas Trobriand. Aproximadamente duas décadas depois, entre os anos de 1936 e 1939, os antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson produziram um volumoso material fotográfico e filmográfico sobre as culturas de Bali e Nova Guiné, as relações entre cultura e personalidade, ressaltando a educação, em especial de crianças, e apresentando inigualável contribuição para a constituição de um campo inovador de pesquisas, que resultou no *Balinese Character*, fundamental para as pesquisas em antropologia visual (Alves, 2004). O verbal e o visual faziam-se presentes nos estudos sem hierarquizar as linguagens. As análises buscavam a compreensão da cultura por meio de imagens fotográficas e também fílmicas. Tais contribuições deixaram de ser contempladas nas pesquisas, privilegiando-se os textos escritos.

Mead e Bateson acreditaram nas potencialidades da câmera fotográfica e cinematográfica na tarefa de levantamento de dados etnográficos, práticas de pesquisa que podem inspirar-nos quando pensamos em investigações no interior das escolas, metodologias que consideram o ponto de vista dos adultos e das crianças. Segundo Lyra (1997), a crença na verossimilhança da imagem fotográfica não apenas seduziu (e induziu) o senso comum a tomar como verdadeiramente real o objeto representado, como também as Ciências Exatas e as Ciências Humanas a se deixaram fascinar pelo poder da fotografia como fonte indiciadora. A fotografia como auxiliar do caderno de notas na documentação fiel de elementos da cultura material e tecnológica de um povo; como facilitadora da entrada do antropólogo no universo a ser investigado; como mote de conversas numa situação de entrevista; como fonte de informação mais segura e objetiva, numa etapa posterior ao trabalho de campo, quando o pesquisador não se encontra mais em contato com o seu objeto de estudo, é placidamente aceita sem causar celeuma. Por outro lado, a utilização da imagem fotográfica na elaboração de construções narrativas ainda não é um consenso nos estudos historiográficos e educacionais, onde a educação dos olhares ainda segue uma perspectiva renascentista, em busca do retrato de uma suposta realidade.

Há, nas pesquisas empreendidas nessas áreas do conhecimento, uma proeminência dos quadros estatísticos e das discussões teórico-metodológicas, o que impõe um aspecto mais verbal às áreas, desconsiderando os aspectos imagéticos, ou considerando-os somente como ilustrações. As imagens não substituíam os textos escritos, mas se ofereciam e se oferecem como fontes documentais, constituindo-se como documentos históricos importantes, ponto de partida para pesquisadores que, articulando-as aos textos escritos, davam-lhes fundamentações até mais consistentes, não sendo meras ilustrações de outra linguagem tida socialmente como mais importante.

Destaca-se que, ao serem concebidas como fontes para pesquisas em Ciências Sociais e na Educação, isso não significa tê-las como testemunhos empíricos, autoevidentes, ou, ainda, percebê-las como algo que daria a ver a sociedade ou sua história e os diferentes elementos contidos nela de forma testemunhal. A fotografia é vista como algo que colabora com a produção de conhecimento e, como tal, pode ser tratada como representação social, produto material e segmento de relações sociais, evidenciando-as. Nas unidades educacionais de qualquer nível de ensino, a fotografia faz-se presente há anos e ganha cada vez mais espaço. O caminho percorrido pelas fotos, no entanto, é algo que nos escapa. Se as imagens fotográficas encontram-se em profusão, compondo-se junto aos diferentes aspectos da educação escolar, é preocupante perceber quais os usos dados às mesmas e quais lugares efetivamente elas têm ocupado.

Apresentando uma contribuição ao que concernem as fotografias tiradas dentro de unidades escolares, considero aqui a preocupação com o destino dado pelas professoras e demais segmentos da escola, bem como saliento como os mesmos são apreciados pelos adultos e crianças, objetos da fotografia. Aquilo que é fugidio – a imagem fotográfica – e que, como tal, pode se perder no tempo é também contínuo, dependendo da maneira como é planejado, ou mesmo registrado por seus organizadores ou colecionadores.

A proposta é colocarmos as imagens fotográficas em pauta, discutindo sua forma e seu conteúdo, considerando sua polissemia. As reflexões sociológicas podem contribuir de forma expressiva, evidenciando, entre tantas outras informações, as culturas infantis que emergem; as culturas docentes que também podem ser percebidas, ou mesmo questionadas, trazendo aspectos do imaginário e das práticas sociais escolares. Considerando que a fotografia educa, constrói e reconstrói realidades, pode-se inferir que, à medida que as mesmas circulam em diferentes espaços escolares, passam a constituir conhecimentos sobre aqueles que os frequentam, sobre as práticas e a construção de diferentes saberes nesses espaços e sobre as próprias fotografias naquilo que ocultam e evidenciam concomitantemente. Elas são sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Segundo Martins (2008), o olhar de estranhamento para com as imagens é imprescindível. Tão compreendidas em nosso cotidiano, nos familiarizamos com elas, dia após dia, que chegamos a ver as imagens sem olhar de fato para elas. Estas não mais reclamam nossa presença, assim como não nos convocamos para observá-las mais detidamente. Trata-se de promover o cultivo de atitudes críticas em relação às imagens, para que não sejam incorporadas de modo conservador ou mesmo passando a educar os olhos de forma alienada, que pouco investigam as imagens vistas ou o que está em seu redor no processo de sua constituição. Trata-se de modos de vida escolar, de suas culturas do cotidiano que passam a ser conhecidas, ou mesmo

deixam marcas que provocam curiosidades naqueles que com elas se deparam e se dispõem à reflexão.

As fotografias nos espaços escolares de educação infantil

O estudo sobre fotografias colecionadas por professoras e demais profissionais da educação da primeira infância, a partir de uma coleção, se coaduna com a abordagem histórica e social de compreensão das fotografias. Tal proposta sugere a construção de uma gramática peculiar que auxilie na constituição de modos de ver, considerando as transformações históricas das imagens, o exame da produção, circulação e consumo das fotos, bem como os processos educativos que elas evocam naqueles que as olham e ainda as dimensões estéticas nelas presentes.

Investigar minuciosamente as fotografias permite conhecer ou levantar hipóteses sobre como as relações sociais estão sendo construídas, tanto pelos fotografados como pelo fotógrafo e tantos outros que, às vezes, anonimamente, envolvem-se das mais diversas maneiras com o ato fotográfico. A partir destas expressões imagéticas é possível conversar com as crianças fotografadas e com isso conjugar tais imagens a outras linguagens, compondo narrativas de uma infância que não está em estado de espera daquilo que virá posteriormente, numa expectativa de produzir homens e mulheres prontos, modelos a serem seguidos. Ao contrário, tais estudos e pesquisas se propõem a percebê-los como quem se representa e constrói a si mesmo e aos contextos nos quais estão inseridos, no tempo vivido de modo singular e concomitante. Como afirma Almeida (2001), as fotografias são recriações do real, à maneira de quem as faz e, por que não, as vê. Na projeção ou mesmo na exibição das fotos, de modo ritualístico ou como mera exibição de cenas da vida em sequência, aspectos do cotidiano são recriados e aprende-se com eles, numa dinâmica contínua e, às vezes, pouco percebida por aqueles que estão envolvidos em tais imagens.

Segundo a concepção que compreende as fotografias como documentos sociais e históricos, estas têm grande importância quando queremos conhecer mais e melhor aqueles que as compuseram: os fotografados – as crianças e professoras – e fotógrafos – contratados pela escola – ou mesmo aqueles que estiveram ou estão no entorno da imagem registrada. Deve-se afirmar, contudo, que, como documento polissêmico que é, a fotografia porta diversas evidências, como representação do real. Sabe-se que as fontes documentais, como as fotografias, entre outras, não são cópias da realidade, mas representações da mesma (Kossoy, 2001). A fotografia é construção social e colaboradora nos diferentes processos sociais. Como tal, inegavelmente, comporta-se como fonte que colabora nas pesquisas sobre as infâncias e aquilo que se encontra a sua volta.

Não se trata aqui de uma perspectiva segundo a qual a fotografia possa ser compreendida como retrato fiel da realidade, equívoco ainda muito cometido entre nós, ao procurarmos encontrar aspectos fidedignos da realidade nesta forma expressiva. Desavisados, procuramos apaziguar nossos olhares, educados para procurar o que representaria fidedignamente determinadas cenas do cotidiano. Trata-se apenas do que poderíamos chamar de uma verdade iconográfica, na qual estão presentes a subjetividade do fotógrafo, a intenção ou a ausência dela, mas ainda assim uma fonte documental, como tão bem nos ensina Kossoy (op. cit.). É um fragmento que permite, aos olhos sensíveis, refletir e aprender mais sobre os meninos e meninas, considerando que são criações e recriações de diferentes realidades.

É imprescindível investigar a percepção e a recepção das fotografias em diferentes contextos, bem como as próprias imagens nelas contidas e as condições culturais, sociais e econômicas que envolvem sua produção. Trata-se não de tornar visível, mas de garantir visibilidades. É oportuno então considerar a valorização da imaginação daqueles que as veem, já que talvez sejamos levados a uma descrição densa da imagem propriamente dita e fiquemos limitados no que tange à criação de outras interpretações possíveis, num processo de valorização da imagem em si.

É imprescindível propor problematizações dessas imagens como uma narrativa cultural criada pelos adultos – embora tenhamos iniciativas de fotografias realizadas por crianças –, comportando nisso a imaginação e demais elementos do cotidiano. Para lermos as imagens fotográficas, é interessante considerarmos a comunicação com o grupo social no qual os envolvidos com essas imagens estão inseridos, levando em conta que os mesmos não estão separados do cotidiano. Trata-se também de registros, marcas históricas deixadas por todos. Descortina-se um cenário diante de nós como pistas a serem seguidas. Imagens cujas presenças podem ficar retidas na retina, no corpo, nos diversos espaços frequentados pelos meninos e meninas. Ela informa, indubitavelmente, mas o denotado pode ser interpretado, lido, questionado nas mais diferentes vertentes, estabelece e faz estabelecer relações sociais no lugar em que ocupa; mobiliza pessoas e mostra aspectos por vezes velados; em suas narrativas descrevem-se propostas de brincadeiras, de práticas docentes, concepções de vida; constitui o cotidiano e se estabelece nele; permite apreender, ou ao menos fazer inferências sobre os meninos e meninas focados, nas mais variadas poses e situações que envolvem outros componentes.

Os cenários, as fotografias, os meninos e as meninas

As imagens presentes nas fotografias do álbum citado no início desse texto sugerem pistas sobre as práticas educativas e de diversas relações sociais de uma época. Essas imagens guardam impressões das capacidades infantis de organização

e ocupação dos espaços físicos e demais ambientes da escola, evidencia o poder de fotografias como documentos que perpetuarão a infância – tão efêmera – nas casas daqueles que, muitas vezes, são presenteados com as fotografias ou mesmo são agraciados em verdadeiros rituais onde estas são mostradas, contribuindo para a afirmação do lugar social de cada um dos elementos presentes nelas.

Não consigo escapar de observações as mais variadas e, sobretudo, aquelas voltadas para o que não vemos à primeira vista, ou mesmo aquilo que apenas numa primeira olhadela salta aos olhos. Considerando que esse texto se constrói em referência às imagens, acredito que ver ao menos uma delas seja importante e procuro, dessa maneira, possibilitar ao leitor a sua própria percepção da imagem na expectativa de enriquecer o diálogo: afinal, o que estou vendo é o mesmo que os demais compreendem a partir da imagem? Não esgotaremos evidentemente esse assunto nos limites desse texto. Contudo, fica o convite para tantos e promissores debates.



Destacando uma das fotografias,³ já mencionada desde o início desse texto, tirada em 1996, numa escola municipal de educação infantil da periferia paulistana, temos que, no primeiro plano, já brevemente descrito, as crianças colocando-se em posição clássica de jogador de futebol provocam a pensar no papel do fotógrafo, presente esporadicamente na escola e que deseja garantir que todos se encaixem numa pose por ele sugerida. Tal pose deve ser feita ainda que desconsidere as vontades das crianças, às vezes contrária ao intuito do adulto. Por que isso? Deve-se somente à postura do fotógrafo? Há um cruzamento de significados que compõem tais imagens. Burke (2004) chama a atenção para a composição da imagem que revela certa

cumplicidade entre pintor e modelo, afirmação da qual poderíamos inferir algo semelhante entre o fotógrafo e o fotografado. Embora ele apresente a pose que deseja ser realizada por todos, admite certa mudança por parte das crianças envolvidas, o que, em certa medida, subverte algumas convenções, conferindo à imagem fotográfica determinado aspecto espontâneo e uma aproximação com a tão propalada, mas bastante refutável, ideia de uma natureza espontânea das crianças. A infância, como construção social que é, não se dá espontaneamente, tanto quanto os meninos e meninas que a compõem.

As imagens provocam-nos a pensar sobre as transformações históricas das concepções sobre infâncias e crianças: ora obrigadas a ficarem quietas em poses previamente determinadas, ora numa busca e aceitação de uma criança que se mostre brincalhona, capaz de criar poses próprias. A foto aqui reproduzida parece estar na intersecção entre essas concepções brevemente comentadas. As infâncias e suas brincadeiras estão compreendidas na pose exigida e ensinada pelo fotógrafo às crianças; estas, ao mesmo tempo, posam conforme o esperado, mas parecem resistir a isso.

Ao observarmos o ângulo, o enquadramento, a composição, a iluminação natural, a imposição de formação de uma determinada pose, percebe-se que tais elementos dizem do fotógrafo escolar que o mesmo não considerava aquilo que é compreendido como próprio da primeira infância: o movimento e a brincadeira, que se constituem também na dinâmica desse espaço escolar. O sorriso das crianças, o segurar nas mãos de alguns meninos e meninas, ação previamente solicitada, ou, melhor dizendo, autorizada, transformou aquilo que supomos próprio da infância⁴ numa encenação disso, imprimindo outro sentido à foto. É naquilo que acreditamos sobre a forma como as crianças devem ser apresentadas para o outro que essa fotografia se forma e passa a existir. É o imaginário que temos sobre a infância que passa a ser materializado na foto, trata-se de possíveis representações de diferentes infâncias. O fotógrafo contratado pela escola invadiu o cotidiano das crianças fotografadas e revelou aquilo que ela oculta, além dos meninos e meninas que são o primeiro objetivo de sua câmera. Cabe questionar como são vistas essas imagens pelos familiares, professora e, raramente, pelas próprias crianças, quando são consultadas. As vestimentas utilizadas pelas crianças são as mesmas com as quais vêm de suas casas, roupas com as quais frequentam a escola, identificam lugares de classe social e gênero ocupados por elas.

O que temos nas fotos do álbum são composições posadas, criadas pelo fotógrafo, seguindo padrões já aprendidos por ele e que são determinados a todos que fotografa. Polissêmica que é, a imagem fotográfica permite-nos vislumbrar o desencontro entre cenário, poses e vestimentas das crianças como elemento indagador da posição social e econômica das mesmas, ou mesmo do imaginário

social, constituindo-se como bons elementos para se discutir sobre os processos de transformações sociais e históricas das crianças nos espaços escolares, suas vestimentas, seus corpos.

No entanto, se a fotografia revela aquilo que também oculta, o que temos então? Deve-se pensar também que, ao mesmo tempo em que revelam, elas constroem saberes sobre a infância e sobre a escola da infância, conseqüentemente. Na foto apresentada, similar a tantas outras que podem ser vistas em espaços escolares ou acervos de fotografias escolares, temos os registros de uma forma escolar que, segundo Guy Vincent, apresenta um modo próprio de organização espaço-temporal que passa a organizar outros modos de agir em sociedade, contagiando, aos moldes escolares, outros ambientes sociais, estando fortemente presente em nosso cotidiano. Tal forma pode ser avaliada como hegemônica, pois apresenta, segundo Vincent (2001, p. 11),

(...) um modo de socialização escolar que se impôs a outros modos de socialização; e para discernir também quais são as suas principais características e tudo o que faz parte desta configuração histórica singular, quando nossa tendência é acreditar que tal modo não sendo natural, é, pelo menos, eterno e universal.

Desse modo, podemos inferir que se trata de uma pedagogização das relações sociais, presentificadas nas imagens fotografadas, as quais invadem a educação infantil, resultando em uma forma escolar esperada para ser apresentada na fotografia. Pode chamar a atenção o fato de não haver na foto, que serve de motivo para esse texto, uma sala de aula fechada. Contudo, a vemos reproduzida em certos aspectos: posturas de algumas crianças, da professora, da composição das poses de uns, na exigência de que compusessem duas filas para poder melhorar o enquadramento para o fotógrafo e a foto sair “melhor”. Há uma aparente resistência por parte de alguns, que fica evidenciada em certos gestos e olhares, mas, ainda assim, é possível verificar determinado padrão escolar, mesmo com as crianças desuniformizadas e posicionadas na parte externa da unidade escolar.

Essa forma escolar, incorporada pelo fotógrafo, pela professora e ensinada às crianças, leva à composição de uma pose para a foto que, embora consensual, pode ser avaliada como sendo totalmente escolarizada, expondo o modo como o espaço escolar é visto e como as crianças são compreendidas. Esta pose é, por assim dizer, própria de uma construção histórica e social do olhar, das práticas educativas e da concepção que se tem sobre o que é uma escola de crianças, e pode muito bem sugerir aspectos que devem ser considerados por outros nos demais níveis de ensino.

Num aspecto mais amplo, temos há muito uma imagem de escola que vem sendo refutada: alunos em sala de aula, cabeça atrás de cabeça, lousa, giz e apagador

e a professora à frente, nesse cenário que conforma práticas escolares, numa perspectiva hierarquizada da relação com o conhecimento. Na educação da primeira infância, há décadas vêm se constituindo críticas constantes e bastante consistentes a este modo de escolarização-escolarizante dos meninos e meninas pequenos. A partir disso, pode-se perceber a circunscrição de novas imagens de infância e escola que ganham outros perfis. A objetiva da câmera fotográfica passa a focar as crianças em diferentes processos vivenciados no interior dos espaços escolares, sem considerar tanto as poses. A fotografia é capaz de direcionar a forma como a sociedade compreende a escola e a infância que nela vive e a constrói. Produzida em espécies de rituais coletivos que escapam do cotidiano das crianças e da própria instituição escolar, a fotografia colabora na construção daquilo que sabemos sobre esse cotidiano, ao mesmo tempo em que revela processos pedagógicos que acontecem no interior desses espaços escolares.

A transgressão das crianças àquilo que é esperado pelos adultos torna-se visível em pequenos gestos de alguns, para os quais se faz necessário ter olhares atentos: braços em riste, representando um sinal de vitória, dois com punhos fechados como a chamar para uma briga, um sinal de chifrinho feito sobre a cabeça do colega de menor estatura. Contudo, cabe aqui questionar essa primeira apreensão da imagem. Tais posturas dos meninos e meninas, de aparente resistência infantil, não estariam também conformadas ao modo escolar naquilo que se compreende como algo próprio de crianças? Transgressão autorizada? Já aguardada? Talvez. De qualquer maneira, assemelham-se às brincadeiras infantis esperadas e enquadradas dentro de um modelo que deixaria a foto apresentável para todos os que a verão posteriormente, imprimindo certa identidade à mesma.

Bourdieu (2006, p. 32), ao analisar fotografias de camponeses, afirma que:

De fato, a fotografia surge desde o início como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar e coletiva. Se se aceitar, com Durkheim (1995), que as cerimônias têm por função reanimar o grupo, percebe-se por que a fotografia deve estar associada a elas, já que provê os meios para eternizar e solenizar estes momentos intensos da vida social, em que o grupo reafirma a sua unidade. No caso dos casamentos, por exemplo, a imagem que fixa para sempre o grupo reunido, ou melhor, a reunião de dois grupos, inscreve-se de forma necessária num ritual cuja função é a de consagrar, ou seja, sancionar e santificar a união entre dois grupos através da união de dois indivíduos. Não é por acaso que a ordem em que a fotografia foi introduzida no ritual das cerimônias corresponde à importância social de cada uma delas.

Bourdieu (op. cit.) afirma que há muito a fotografia marca sua existência, registrando os rituais, sobretudo de casamento e batizado. É possível inferir que as fotografias escolares guardam características especiais, elas alteram a rotina e por si só podem ser avaliadas como grandes acontecimentos perante as crianças em seu cotidiano escolar. Elas criam o ritual e não os legitimam somente, forjam uma

seqüência de ações voltadas para o próprio ato de registro fotográfico: arrumar os cabelos e os trajes de cada um dos meninos e meninas; organizar o local para compor o cenário, ainda que o mesmo esteja na paisagem natural da unidade escolar e não na área interna. A fotografia escolar, captada pelo fotógrafo, tal como elucidado, não acompanhará os grandes episódios; ela é um acontecimento e, como tal, é solenizada e não soleniza outros acontecimentos, sendo esta uma característica particular no momento de entrada nos espaços escolares, sobretudo na educação da primeira infância.

Comprar a fotografia, um dos grandes motivos de sua existência no interior de várias escolas, quando tirada pelo fotógrafo profissional, pode indicar um percurso que a mesma fará depois de sua comercialização. Em muitos casos será enviada para os parentes distantes como forma de expor a criança, seu processo de crescimento, sua inserção social pela educação escolar, o poder aquisitivo da família, que demonstra estar mais bem situada financeiramente, o que leva à aquisição destes recursos e à socialização dos mesmos perante os demais, trazendo reconhecimento ao grupo familiar: esse objeto material pode ser visto como um luxo, uma despesa que denota aquilo que a família é, ou melhor, como a mesma gostaria de ser representada diante dos demais parentes. A mulher, como pode ser percebida na pesquisa de Bourdieu (op. cit.), tem papel fundamental nisso, em alguns segmentos sociais. Cabe a ela guardar as fotografias em diferentes lugares, preservando a memória familiar, pelos documentos imagéticos, lembrando que muitos dos documentos escritos, tais como escrituras de imóveis, contas pagas e a pagar, certificados de compras de automóveis, em muitas casas ainda ficam sob a proteção masculina. Segundo Bourdieu (2006, p. 34),

Nessa perspectiva, é compreensível que as fotografias devam ser objeto de uma leitura sociológica; e que nunca sejam consideradas em si mesmas e por si mesmas em termos das suas qualidades técnicas e estéticas. Parte-se do princípio de que o fotógrafo sabe fazer o seu trabalho e não se tem qualquer base para fazer comparações. A fotografia deve apenas possibilitar uma representação suficientemente crível e precisa para permitir o reconhecimento. É metodicamente inspecionada e observada, à distância, de acordo com a lógica que governa o conhecimento dos outros no cotidiano. Através do confronto de conhecimentos e experiências, situa-se cada pessoa por referência à linhagem a que pertence e, frequentemente, a leitura de fotografias antigas assume a forma de uma conferência sobre ciência genealógica, quando a mãe, a especialista no assunto, ensina à criança as relações que a unem a cada uma das pessoas na imagem.

As fotografias escolares podem ganhar essa perspectiva ao circularem entre os familiares em outros espaços, ou serem postas em molduras e porta-retratos sobre a mobília doméstica, tornando-se, ainda mais, a afirmação e o veículo de valores e normas sociais. No porta-retrato, na relação que imporão a todos que as observarem, elas passam também a documentar as condições de classe social,

tanto quanto contribuem para orientar a condição social e a compreensão que se tem delas, bem como do imaginário que se constrói sobre elas.⁵

O conceito de “circularidade” explicitado por Ginzburg, em *O queijo e os vermes* (1989), contempla essa ideia, inspirando-me a compreender tal circulação de fotografias, as falas que transcorrem a partir delas como algo que constituirá os indivíduos a partir das imagens veiculadas entre os diferentes grupos sociais, já que propõe uma “circulação” das ideias entre a cultura das classes dominantes e dominadas, entre as diferentes construções sociais dos seres humanos. Significa dizer que não existe um modelo fechado, já que a experiência advinda dessa troca e diálogos ensejados pelas imagens torna-se plena de possibilidades, sendo as fotografias elementos que devem ser considerados importantes na trama social, como educadoras e frutos de processos educativos que também são. Sendo assim, vale asseverar que, não somente como fonte ilustrativa ou dado para se confirmar algo sobre a realidade, a fotografia é objeto de análise ao mesmo tempo em que é sujeito, compondo diferentes contextos, reafirmando valores e normas, modos de ver e agir em sociedade.

Esse aspecto também é garantido pela preocupação estética do fotógrafo em relação à fotografia. O enquadramento, as cores, o cenário escolhido e privilegiado com árvores bastante verdes atrás de todos os fotografados dão um tom ao mesmo tempo de escola e de parque público. Contudo, há uma racionalidade compositiva construída, promovendo até mesmo as escapatórias infantis em gestos que fogem dos padrões, ou asseguram certa dose de espontaneidade desejada pelos adultos que verão o resultado posterior, tornando-se fuga autorizada aos modelos. Mas vale dizer que, ainda assim, a fotografia suscita curiosidade pelo objeto fotografado, pelas crianças em seu espaço, sugere sentimentos, modos de ver e, como sujeito que é, provoca conhecimentos variados sobre a infância, a escola, a professora, os meninos e meninas, o espaço escolar e sobre a própria linguagem fotográfica.

O álbum esta sendo fechado, por enquanto...

O estudo das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância é necessário e instigante. Chama atenção a profusão de fotos que temos pelos corredores e saguões com o propósito de mostrar o que as crianças criam cotidianamente. Não é possível nos furtarmos a uma observação mais sensível e desmembrar as imagens das fotos das quais parti para compreender tantas realidades. A fotografia, tão presa que está em nosso dia a dia, faz ver que esse cotidiano não se exaure numa primeira olhadela, não quando estamos dispostos a olhar a partir de diversos lugares, de pontos de vista a perquirir minuciosamente a imagem e o que a envolve. Na ausência do objeto, a fotografia o traz de volta. No interior das escolas de educação infantil, as fotografias têm ocupado lugar de veículo entre famílias e

parentes, vínculos com adultos e crianças, documentação sobre atividades realizadas, comércio, educação das gerações futuras, construção de saberes sobre a própria fotografia e sobre as infâncias. Memórias no papel, silenciosas, tornam visível aquilo que hoje está ausente. Enriquecem com seus indícios – quando observadas –, com suas cores já amareladas. Revelam aqueles que não mais estão lá, já crescidos, e que se encontram em outros locais.

Como afirma Osborne (2007, p. 66), “a fotografia é uma atividade que atualmente está sofrendo mudanças históricas profundas e rápidas, como resultado de decisões de caráter técnico, porém, também histórico-cultural”,⁶ cada vez mais intensamente, coexiste com outras formas imagéticas, fixas ou não. Para finalizar, o que ainda se mostra como abertura de diálogo, como proposta de problematização sobre as imagens fotográficas e seus usos no interior dos espaços escolares – aqui abordando a educação da primeira infância, mas sabendo que a temática não se esgota nessa etapa da educação –, vale ainda deixar duas palavras quanto aos álbuns que resultaram da coleta de fotografias pelas professoras. Graças à curiosidade, foi possível pesquisar e conhecer melhor aspectos relacionados às imagens veiculadas nos espaços educacionais. O estudo das imagens na educação serve-nos como uma proficiente fonte de discussão e pesquisas sobre a construção da profissão docente na educação infantil, bem como sobre as infâncias, o que é possibilitado pela guarda das fotos, pela composição ano a ano da relação estabelecida com meninos e meninas. As fotografias, em diversos “clicks”, vão se compondo e se apresentando para todos que queiram olhá-las. O convite está feito.

Notas

1. Coordeno, na Faculdade de Educação da USP, juntamente com a professora Patrícia Dias Prado, o grupo de estudos e pesquisa “Sociologia da Imagem, Artes e Infâncias”. Atualmente, realizam-se pesquisas voltadas para a temática com professoras de rede pública municipal paulistana, estudantes e pesquisadores, o que, entre outras coisas, vem possibilitando a percepção de certo colecionismo pelas professoras de educação infantil.
2. Nesse artigo, dedico-me às narrativas fotográficas de um período em que tal recurso era inexistente entre os fotógrafos das escolas públicas, embora problematize também as coleções que ficam no interior das escolas e que se constituem como fontes documentais bastante profícuas para estudos acadêmicos, colaborando para a formação em serviço.
3. Esta fotografia, na qual me encontro, pertence ao meu acervo pessoal.
4. Essa afirmação deriva das próprias pesquisas que ensinam sobre as especificidades da primeira infância, dos meninos e meninas que a compõem (cf., entre outros, Prado, 2006; Gobbi, 1997, 2004; Faria, 2002) e sua capacidade brincalhona de construir culturas infantis, expressando-se, desde que nascem, na relação com os outros.
5. Alguns dos usos dados pelos compradores, em grande parte familiares, eram narrados pelos próprios em reuniões de pais ou conversas fortuitas, quando as professoras eram obrigadas a fazer a mediação entre fotógrafo e escola, informando sobre as vendas das fotografias no espaço externo da escola.

6. Minha tradução livre a partir do original em espanhol.

Referências

- ALMEIDA, M.J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALVES, A. *Os argonautas do mangue*. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- BOURDIEU, P. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, P. O camponês e a fotografia. *Sociologia & Política*, Curitiba, n. 26, p. 31-42, jun. 2006.
- BURKE, P. *Testemunha ocular*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- DWORECK, S. *Em busca do traço perdido*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ELIAS, N. *A peregrinação de Wateau à ilha do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FARIA, A.L.G. *Educação pré-escolar e cultura*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREUND, G. *La fotografía como documento social*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1993.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GOBBI, M. *Lápis vermelho é de mulherzinha: relações de gênero, educação infantil e desenho infantil*. 1997. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOBBI, M. Crianças nos parques: imagens de infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 13, n. 2 (38), p. 143-159, maio/ago. 2002.
- GOBBI, M. *Desenhos de outrora, desenhos de agora: desenhos de crianças pequenas no acervo de Mário de Andrade*. 2004. Tese (doutorado em Educação e Cultura) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOBBI, M. Olhares de turista aprendiz: Mário de Andrade e os desenhos das crianças. In: FREITAS, M.C. (Org.). *Desigualdade social e desigualdade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 175-210.

- GOBBI, M. Ver com olhos livres. In: FARIA, A.L.G. (Org.). *O coletivo infantil*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 29-54.
- KOSSOY, B. Luzes e sombras da metrópole: um século de fotografias em São Paulo. In: PORTA, P. (Org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz & Terra, 2000. p. 387-455.
- KOSSOY, B. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.
- KOSSOY, B. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê, 2007.
- KOURY, M.P. Fotografia: o real e a ilusão. *Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 13, p. 145-153, set. 1997.
- LOSACCO, G.; FACCIOLI, P. *Manuale di sociologia visuale*. Milão: Franco Angeli, 2003.
- LYRA, B. Reflexões sobre o uso da imagem. *Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 13, p. 253-257, set. 1997.
- MARTINS, J.S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- NOVAES, S.C. et al. *Escrituras da imagem*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004.
- NOVAES, S.C. Imagem e ciências sociais: trajetória de uma relação difícil. In: BARBOSA, A.; CUNHA, E.T.; HIKIJI, R.S. (Org.). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009. p. 35-61.
- OSBORNE, P. La fotografia es un campo en expansion: unidad distributiva y forma dominante. In: GREEN, D. (Org.). *¿Que há sido de la fotografia?* Barcelona: Gustavo Gilli, 2007. p. 66-77.
- PRADO, P.D. *Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da Educação Infantil*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A.L.G.; DEMARTINI, Z.B.; PRADO, P.D. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 19-47.
- SCHWARCZ, L.M.; MAMMI, L. *8 X fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- SOARES, N. *Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças*. Trabalho apresentado na 6. International

Conference on Social Methodology Recent Developments and Applications in Social Research Methodology. Amsterdam, 2004.

SONTAG, S. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

VINCENT, G. et al. Sobre a história e a teoria de forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

WENDERS, W. *A lógica das imagens*. Porto: Edições 70, 1990.

Recebido em 10 de novembro de 2009.

Aprovado em 29 de julho de 2010.